



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida

História completa

Ilustração de uma vida Para meus filhos, netos e amigos 16 Janeiro 1912 - 1997 Para dizer a verdade, nem deveria ter nascido, pois meus pais não queriam outro filho além da minha irmã. Mas, apesar das várias tentativas da minha mãe, como tomar banhos bem quentes, nadar, passear de carroça sobre paralelepípedos e semelhantes, eu resisti. Assim, nasci em 16 de janeiro de 1912, em Berlim, na Rua Ansbach, nr.5. Cinco anos mais novo que minha irmã Else, com quem, na infância, só brigava e de tal maneira que nossa mãe tinha de nos separar armada com o guarda-chuva. Me lembro que jogava as bonecas de Else várias vezes pela janela, para a diversão das crianças da vizinhança - mas isso, quando já tínhamos mudado para o 4º andar da Rua Innsbruck, nr.24. Neste endereço consegui também, pela primeira vez, entrar em contato com as autoridades. Do mesmo andar, do terraço, "molhei" o elmo de um policial, pois não tinha tempo de ir até o banheiro. Ele voou pelas escadas acima - e meu pai teve que acalmar a fera. Antes, quando mal conseguia andar, passeando no parque, adorava perseguir as meninas. Fui colocado na coleira como um cachorrinho. Isso aborreceu muito a babá, que solucionou o problema me prendendo numa árvore. Só quando amigos dos meus pais me acharam assim, fui novamente solto. E, aproveitando a liberdade realçada, fui para o Café Meran, que tinha uma porta giratória superinteressante. Tomando impulso conseguia sentar numa viga, dando várias voltas. Um dia, naturalmente, o gente me pegou e me entregou na polícia. Assim, tomei contato com as autoridades pela segunda vez. Minha irmã, depois destes episódios, fez dois versos: Em Schöneberg, no mês de maio, Kurt Dreyfuss estava bem presente, com 5 anos, já um grande menino, mas preguiçoso demais para saber onde a gente se sente E o pai, dessaboroso, fala ao meu filho: "não me ouviu, então, para lhe colocar no trilha, será posto na prisão, na rua Hewaldo, minha paciência acabou e não aceito ser demovido". Outras autoridades que conheci, foram os bombeiros. Na Praça Victória-Luise, uma senhora desmaiou. Alguém mencionou que deviam ser chamados os bombeiros. A palavra chave para um jovem que quer ajudar, salvar quem precisa - o mundo. Corri para o próximo ponto de emergência e virei o botão de chamada várias vezes para indicar a urgência. Os carrões com os bombeiros chegaram de todos os lados. Como poderia saber que tinha acionado o alarme máximo. Era tanta inocência, que nem me ocultei. Muito pelo contrário. Fiquei firme no meu lugar, e, quando procuraram por quem tinha acionado o alerta, prontamente me identifiquei com certo orgulho, esperando um elogio e, não entendendo, quando o capitão dos bombeiros avisou: "Hoje, seu pai vai se alegrar com você." De 1914 até 1918, durante a guerra, meu pai foi ajudante da enfermeira do Dr. Hirsch. Este doutor, passou durante suas férias em nossa casa e me hipnotizou para que não mais fizesse "pipi" na cama. Como era inocente e ingênuo... Um dia, brincando na rua, vi um homem sair do nosso prédio com uma mala que me parecia ter semelhança com uma de meus pais, mas, nem por isso comeci a gritar, somente corri para cima, para relatar o acontecido à minha mãe. Ela correu para baixo, mas, naturalmente, o homem tinha desaparecido. Minha mãe ficou muito abalada, pois a mala, que estava guardada no sótão, mantinha provisões para três meses. Falando de provisões, me lembro de um coelhinho que adorava. Nós o guardávamos numa caixa no terraço. Um dia, ele apareceu como almoço especial, eu adoeci, e até hoje não posso comer coelho, nem cozido no vinho. Num inverno muito rigoroso, voltei um dia para casa com as mãos quase congeladas. Minha irmã, então, perguntou-me porque não estava de luvas e respondi: "se as minhas mãos estão congeladas é só culpa da minha mãe, porque ela não compra luvas para mim." Durante a inflação nos anos 1922/23, ao comprar ovos, minha mãe me ordenou que eu levasse um farol para verificar, um por um, se os ovos estavam frescos. Afinal, não se podia perder nenhum. O dinheiro estava se desvalorizando de hora em hora (o valor de 1 US-Dollar chegou a ser igual à 1000 000 Reichsmark), começamos a comprar selos de correio em folhas, pois estes mantinham o valor e poderiam ser usados como dinheiro. Comecei meus anos escolares no Gymnásio Hohenzollern (3 anos). Quando nós mudamos para a Rua Neue Winterfeld, nr. 27, passei para o Ginásio Monsen, lá permanecendo dos 7 até os meus 16 anos. Já durante os anos da infância percebi que era preciso ganhar dinheiro. Aprendi isso na rua com os meus amigos. Na época, todas as crianças podiam brincar na rua, bem diferente de hoje. Era natural crianças brincando na rua, talvez nem sempre sem perigo, mas, certamente, longe das condições de hoje em dia. A brincadeira favorita dos meninos era colocar moedas de 5 ou 10 Pfennige (centavos alemães) em cima de umas bolas de gude e tentar acertar com as outras bolas aquela que tinha dinheiro. Um dia recebi de presente de Natal um pequeno carrinho, grande o suficiente para uma criança se sentar dentro e, assim, me oferecia para puxar aquele que quisesse pagar 10 Pfennige (centavos alemães). Quem se oferecia para puxar, tinha uma volta livre. Brincadeiras bem inocentes mas lucrativas. Como não poderia deixar de ser, também aconteceram as assim faladas maldades. Particpei das brigas à punho, como qualquer menino sadio, quebrei vidros jogando futebol (tive muita sorte quando, um dia, quebrei um vidro grande, pois o proprietário tinha um seguro). Durante o inverno, na época de Natal ajudava na entrega de árvores de natal para ganhar uma gorjeta. Durante o verão puxava o carrinho de sorvete, pois, como todos vocês sabem, adoro sorvete. Havia uma casa de espetáculos em Berlim chamada "Skala", na Rua Luther, que tinha uma grande atração para mim. Gostava de ficar na frente dele, à noite, quando meus pais saíam. Ia lá para abrir as portas dos carros e taxis e, assim, podia ver de perto as pessoas elegantes e, claro, para ganhar uma gorjeta de 10 a 20 Pfennige. Até um dia, quando abri a porta de um táxi, meus pais desceram e, em vez da gorjeta ganhei uma enorme bofetada e 10 dias de proibição de sair de casa. O dinheiro ganho até esta data serviu à uma ótima causa: ir ao parque de diversões e passar na banca de tiros. Como rapidamente tinha me aperfeiçoado, sempre levei prêmios para casa, os quais escondia num buraco no jardim do prédio, com um certo sentimento indefinido. Aliás, um dia fiquei demasiadamente orgulhoso por ter ganho um relógio de pulso. Porém, dessa vez não ocultei meu prêmio e minha mãe logo o avistou, e imediatamente me culpou de roubo. Meu pai, então, me levou ao parque de diversões para confirmar a história que eu havia contado, livrando-me de toda a punição após

ouvir o proprietário da banca de tiros: "Ele atira tão bem que seria melhor trancá-lo em casa à sete chaves, se não vou perder meu ganha-pão." Minha ingenuidade ainda permanecia intacta com tudo isso. Entretanto, outro acontecimento serviu-me de lição. Num Natal, ganhei uma bela bicicleta e resolvi de inaugurá-la na rua. Um homem me abordou elogiando muito o meu "cavalo de ferro". Ele me perguntou se poderia experimentá-la uma vez. Naturalmente deixei. Quando ele voltou, elogiou muito o seu desempenho e pediu uma segunda volta. Claro, claro, que poderia. Nunca mais vi os dois. E não ganhei outra bicicleta. Meu pai era absolutamente à favor de aprendizado com as experiências. Em 1928 tivemos um inverno muito rigoroso e Berlim estava coberto de neve. Berlim não está dotado de montanhas e as crianças tentam deslizar de trenó para baixo em cada elevação. Aí, me veio uma idéia. Nosso cachorro adorava cenouras. Então amarrei o na frente de trenó e pendurei uma cenoura numa vara e ele, sentindo-se atraído pela cenoura pendente na frente do seu nariz, me puxou pelas ruas, Recebi muitos elogios dos meus amigos e queria registrar como minha primeira invenção. Com 16 anos terminei a escola e entrei numa fábrica de rádio como aprendiz de compra, venda, finanças e estatística, uma aprendizagem de 3 anos. Com os 35 RM (Reichsmark) de salário não podia fazer muita coisa. A solução foi um bico. Eu adorava, e ainda adoro, comer uma mistura chamada "belisco do estudante" (Studentenfütter), mistura de uvas passas, nozes e amêndoas. Já tinha uma fonte bem barata e ao comprar grandes quantidades, ganhei mais um desconto. Juntava pequenas porções em saquinhos de papel e as vendia aos meus colegas. Em pouco tempo, minha sala no porão ficou bastante movimentada, pois, além de aceitar vender fiado para o fim do mês, também comeci, a pedido dos meus clientes, vender cigarros etc. Após alguns meses ganhei muito mais do que meu mísero salário, mas em compensação, também recebi a chamada do meu chefe para vir à sala. Ele me disse que tinha ouvido de alguns estranhos sobre a existência de "estoques" na minha sala e faria uma vistoria duas horas mais tarde. Isto foi o fim dos meus negócios nesta época. No ano 1932, já como assistente do gerente da seção de vendas da mesma firma, um colega que estava usando o uniforme da SS no escritório começou a brigar comigo e jogou um secador de tinta na minha cabeça e eu o retornei. Aí, ele deu queixa na gerência e eu fui para a rua. Certa vez, fiz um curso para aprender esqui, um curso assim chamado "no seco", aonde aprendi muito bem como se cai. E, naquela época, podia-se comprar passagens bem baratas para estudantes. Foi então, após assistir ao baile anual da Faculdade de Arte (muito famoso), que não hesitei em tomar parte de um "complot" espontâneo de uns amigos para viajar ao Tirol, uma estação de esqui na Áustria. Só queríamos ficar 3 dias, mas a vontade de conhecer o mundo era tão grande, que prosseguimos por mais 3 dias, indo à Roma e de lá para Neapel (ver Neapel e morrer) e, no último dia, fizemos uma excursão de somente 4 horas a Capri. Em Capri encontrei meu paraíso e resolvi ficar, após ter conhecido o jardineiro do melhor hotel "Quisisana", que me ofereceu um lugar para dormir no terraço coberto da casa dele. Conheci o diretor do hotel e muitas outras pessoas e passei 3 meses maravilhosos. Até um dia minha mãe ligou de Meran me avisando que também não existia nenhuma razão para eu voltar à Berlim. Lembrei-me de um amigo em Paris e resolvi visitá-lo. Com a ajuda de um comitê de imigrantes consegui alugar um pequeno quarto no topo de um hotel na Rua Troyan, perto do Arc de Triomp. Tinha uma cama, um lavabo e um bidet, que, acreditei, era para lavar os pés, até que uma visitante me explicou sua função verdadeira. Foi muito quente este verão parisiense e procurei uma solução para refrescar meu quarto. Fixei uma mangueira de borracha no telhado e a furei em vários pontos ligando-a na torneira. Este artifício ajudou tremendamente a refrescar meu verão, até que, "le concière", preocupado com o grande aumento da conta de água, checando os motivos descobriu minha "invenção" e eu, quase perdi minha moradia. No começo, meu ganha-pão em Paris foi outra vez o "belisco do estudante", que comeci a misturar, ensacar e vender à noite nos bistrôs e bares. Meu amigo estava ligado à uma dama da sociedade e eu a conheci quando ele me levou a uma festa na casa dela. Lá encontrei o presidente da fábrica de rádios americana SONORA, que me ofereceu um emprego não remunerado oficialmente, já que como imigrante não podia receber uma permissão de trabalho. No dia seguinte fui para a primeira entrevista e contei as minhas experiências de vida até então. Ele me perguntou onde tinha aprendido meu francês tão correto e respondi: "na escola". Entretanto, ele me aconselhou a arranjar uma "amiga" para aprender um francês mais ligeiro. Ainda, continuando a entrevista, perguntou-me pelo que mais interessava e eu achei "publicity" um campo promissor. Ele Chamou o seu diretor de marketing que tomou conta de mim. Fui abastecido com um calhamaço de papel contendo todas as propagandas feitas nos últimos anos, com o qual deveria estudar e desenvolver uma idéia própria. E a idéia veio. Propus fazer um concurso. Bem em frente da Torre de Eifel, no Campo de Marte, balões deveriam ser enchidos de gás, pequenos papelotes com os nomes dos participantes deveriam ser atados e por 10 F vendidos, 10 daqueles cujos balões alcançassem a maior distância poderiam ganhar como prêmios produtos da SONORA. Em todos os grandes jornais do país isto deveria ser anunciado. O diretor de marketing, ao receber minha idéia fez uma cara meio estranha, mas a passou para o presidente. Este ficou entusiasmado. E tudo foi um grande acontecimento. E eu, ganhei um contrato por 2 anos. Em 1935, quando adoeci de uma apendicite fui descuidado e voltei à Berlim, pois, não oficialmente empregado, não tinha seguro de saúde. Um mês mais tarde me chamaram à Prefeitura Vermelha (Rotes Rathaus), o centro de informações pessoais, e meu pai me disse para levar todos os documentos possíveis para mostrar o que estava fazendo em Paris e também, o que fazia antes em Berlim. Tive a sorte de encontrar um funcionário alenão patriota e não um nacional-socialista. Após verificar tudo, me perguntou se ainda sabia consertar rádios e se podia passar na casa dele à noite. O rádio dele estava quebrado. Então, fui à casa dele e o consertei e ele me aconselhou, bem em sigilo, de voltar para o exterior enquanto ainda podia. Meu passaporte ainda estava dentro do prazo de validade e, como os únicos países que ainda aceitavam "visa" de visitas eram a Argentina e o Brasil, embarquei em março de 1936 em LeHavre no navio AURIGNY. O navio atracou no porto de Santos em 30 de março de 1936 e, após passar pela alfândega fui para São Paulo. Morei com a família Graf, que tinha uma pequena pensão em Perdizes, numa casinha no jardim. Não tinha ventilador e soufri muito com o calor e os mosquitos. Comecei a trabalhar como técnico numa loja de rádios no Largo de Misericórdia e ganhei 300 MR (Milreís), o que mal deu para moradia e comida. Após ter aberto e fechado um serviço de limpeza de máquinas de escrever com meu amigo Erich Jablonski, me candidatei à vendedor da firma GENERAL ELECTRIC. Ainda não falava a língua. Ser vendedor significava no ano 1937, andar de casa em casa, bater palmas, pois a maioria das companhias não funcionavam ou sequer existiam, e ser atendido pelas empregadas, com as quais se tinha fazer muito charme para ver o dono ou a dona da casa. Conseguido isso, restava a dificuldade em despertar o interesse para a compra de um rádio. O resultado era nulo na maioria dos casos. Procurei sempre deixar pelo menos meu cartão com número de telefone. Como sabia também consertar os aparelhos, tive mais sorte do que meus concorrentes. Também aceitava aparelhos velhos na compra de novos. Assim, um dia procurei um endereço onde pudesse fazer os consertos e também estocar aparelhos. Achei um apartamento com uma grande sala no prédio MARTINELLI, o único prédio alto nesta época em São Paulo e ainda vazio, e com um aluguel bem barato por 100 metros quadrados. Dividindo e alugando a outra metade, consegui morar de graça. Coloquei pequenos mas freqüentes anúncios no jornal "O Estado de São Paulo", usando a "bela vista" como chamariz. O fato de eu estar aceitando aparelhos velhos na compra de novos, se propagou. Quando, um dia, recebi 3 clientes de uma vez, e os três queriam aparelhos da firma PHILIPS, achei que estava na hora de pedir um crédito de MR 30.000 para um mês, para poder abrir uma conta bancária, condição imprescindível para poder ser um revendedor da firma PHILIPS. Como primeiro ajudante, empreguei um aprendiz de padaria, que queria trocar de profissão. Mas quando pedi a ele de consertar um fio elétrico de uma lâmpada e ele, depois de tê-lo trocado, o cortou no mesmo lugar, fiquei em dúvida. E quando o encontrei do lado de fora das janelas para pendurar as

cortinas contra o sol, achei melhor de me separar dele. Nesta época muita gente que morava em apartamentos quis pegar ondas e muitas para ouvir programas da BBS de Londres, que só foi possível com uma antena... do prédio de cimento. Então inventou uma antena (antenas individuais no telhado do prédio) tomando um bambu de 4 metros enrolado num fio em volta dele e enrolando no bambu fora da janela no balcão que deu um perfeito resultado. A firma PHILIPS, vendo a guerra se aproximar, mandou mercadoria para um fornecimento de 5 anos para o Brasil. Nesta época, eu já tinha uma quota alta como revendedor e a usei totalmente. Comecei a tirar os rádios das caixas originais e montá-los em móveis grandes para conseguir preços mais altos. O resultado disso foi a compra de uma marcenaria, onde mais tarde, seriam fabricados também outros objetos como cinzeiros, caixinhas, pratos e até guarda-roupas, mesas e cadeiras. Até toda instalação do bar "Rodolfo", que foi aberto nesta época. Um arquiteto maluco, que havia retornado em 1935 para Alemanha para participar da "grande conquista", vendeu seu Fiat velho, ano 1930, por MR 500. Assim comprei meu primeiro carro. Fiz todos os transportes de material com ele. As quatro portas tinham de ser fechadas com cordões. Minha firma se chamou RADIOSERVIÇO, e muitas coisas aconteceram durante sua existência: Num sábado à tarde, veio um homem com aparência muito mais pobre. Ele pediu de ver o melhor aparelho que tinha na loja e, escolheu um da marca Telefunken, superforte, grande, um modelo de mesa. Como era sábado, pensei, "se ele quiser dar um cheque, não vou aceitar". Mas não, ele se abaixou, e da sua bota tirou um punhado de cédulas, pagou e colocou o aparelho no ombro e saiu. No ano de 1944 encontrei-o na rua Barão de Itapetininga e o convidei para tomar um cafezinho, perguntando como ele estava. Aí, ele me contou que naquela época tinha ganho na loteria e como seu maior desejo era ter um aparelho realmente bom, o comprou. Do restante do dinheiro nada sobrou e havia se tornado novamente bem pobre. Falando da Barão de Itapetininga... Um dia no ano de 1942 entrou um homem na minha oficina no prédio Martinelli, deu uma volta, achou o espaço meio restrito e me perguntou, se não gostaria de alugar metade da loja dele na rua Barão de Itapetininga. Ele tinha uma loja de venda de pianos e me fez uma boa oferta. Naturalmente concordei, pois assim cheguei na melhor área de lojas de S. Paulo. Meus ganhos aumentaram e finalmente pude financiar a vinda dos meus pais e da minha irmã, que já se encontraram na França, para o Brasil. Em 1949 a loja foi demolida para abrir espaço para um prédio e eu me mudei para o porão da casa vizinha. Mas os negócios não eram mais os mesmos, inclusive porque as firmas PHILIPS, GENERAL ELECTRIC e RCA e outras abriram as próprias lojas. Assim sendo, vendi a marcenaria e comecei a procurar uma nova função. Conversei com Ernesto que reclamou muito dos fornecedores de peças de latão. Os prazos para as entregas eram muito longas, até 6 meses, difíceis de aceitar para sua fábrica de extintores de incêndio. E assim tive a idéia de importar 6 pequenas toneladas, diretamente da Inglaterra. Estas máquinas eram difíceis de conseguir e, principalmente, muito mais caras quando adquiridas de uma firma importadora. Quando visitei o fabricante pessoalmente em Londres e lhe ofereci uma entrada de 1.000 libras, consegui fechar o negócio. Consegui este dinheiro da seguinte maneira: Um amigo que sabia que eu iria para Londres, me pediu de lhe oferecer 1000 tocadores de disco, ganhei 1 libra por aparelho. Fiquei muito tentado em comprar um Jaguar conversível, mas, ainda não era liberada a importação de carros no Brasil. Assim, consegui formar a base da minha futura fábrica. Mas, aonde colocaria as máquinas? Existia um terreno na Chácara Santo Antônio que eu havia comprado, à prazo, em 1942 (10 anos para pagamento). O terreno tinha 12x40 m² e estava situado no meio do mato. Agora, no ano 1950, o bairro havia começado de se desenvolver, mas, para receber ligação da companhia de eletricidade Light, tive que ir uma vez por semana ao rio de Janeiro, durante um ano. Quando finalmente me fizeram a ligação, era somente d % KVA. Ao mesmo tempo, tinha ido à prefeitura de Santo Amaro pedir a um dos arquitetos que autorizavam plantas, que me fizessem uma já com sua autorização. Para a construção contratei somente dois operários, um amigo fez a construção do telhado e lá estava meu primeiro galpão. A instalação elétrica foi feita por Ivo, o "homem das mãos de ouro", versátil em todos trabalhos manuais e meu primeiro empregado. Um sócio era o técnico. Como era época de racionamento de eletricidade, nós três trabalhamos à noite, ultrapassando nossa quota de 5 KVA em 100%, mais não podíamos arriscar, a rede elétrica teria caído. Sim. O começo da fábrica foi muito difícil. E o sócio técnico, que no começo veio todos os dias, começou a faltar, até que apareceu somente uma vez durante um mês. Depois disso não precisava vir mais. Entreguei a RADIOSERVIÇO aos meus empregados para poder me dedicar somente a fábrica. A PHILIPS me ajudou muito com pedidos, mesmo sendo, no começo uma fabricação cara para eles. Consegui me aperfeiçoar tecnicamente, chegando, da precisão de 1/100 a uma precisão de 1/1000 millimeter. Consegui os primeiros pedidos da indústria de automóveis e forneci para VW, FORD, GM, MERCEDES e CHRYSLER. Mas isto somente em 1957. Pela GEA recebemos um crédito para 5 anos, com 2 anos de carência e uma taxa de juros fixa de 6% p.^a A GEA tinha sido formada pelo governo federal para ajudar a construção da indústria automobilística nacional. Assistindo a uma das conferências, tomei a iniciativa de falar: "O Brasil não tem máquinas, mas tem café. A Czechoslováquia não tem café, mas tem máquinas. Porque nosso governo não tenta um negócio na base de troca. Nosso governo poderia vender as máquinas a prazo e assim formar empregos e, como as máquinas da SKODA e de outras marcas czechas são mundialmente conhecidas pela exatidão - na minha firma estão várias máquinas da marca SKODA trabalhando sem qualquer problema - não existem dúvidas a respeito de qualidade e estou certo que os meus colegas estariam de acordo." O aplauso confirmou minha sugestão e a troca foi um grande sucesso. Eu mesmo, importei uma quantidade razoável de torneadoras automáticas e recebi um completo laboratório. E isso aconteceu assim: como tinha iniciado esta colaboração entre os dois países, recebi um convite oficial do governo de Praga e um bilhete de primeira classe. Troquei o bilhete de primeira classe para dois de classe econômica. Na volta, minha esposa Barbara e eu, queríamos acompanhar a mercadoria no navio cargueiro, que pela lei, deveria ser brasileiro. Chegando em Praga fomos muito bem recebidos. A situação do país era muito precária naquela era comunista. Por isso tomamos muito cuidado com nossas palavras no hotel onde fomos hospedados, sabendo que era infestado com escutas. Sempre fomos acompanhados de uma pessoa do governo, de cuja presença conseguimos uma vez escapar, pois queríamos visitar o amigo de um conhecido. Mas não tínhamos dinheiro, e assim, quando subimos num ônibus, todos estavam nos observando de tal maneira que decidimos descer de novo e andar a pé. A beleza da cidade não pude cobrir a tristeza das histórias que ouvimos. A vida era muito precária e nas fábricas que visitamos era comum de encadear os rolos de papel higiênico. Aos visitantes, entretanto, ofereciam tudo do bom e melhor. Após um jantar de gala numa sala especial com os diretores até me perguntaram se não poderiam satisfazer um desejo especial. Aí pedi um laboratório completo para poder aperfeiçoar a mercadoria da minha fábrica e assim fornecer à indústria automobilística com qualidade de 100%. Eles concordaram, mas elegaram que não ia ter uma licença de importação para entrar com a mercadoria sem problemas no Brasil. Aceitei este risco e quando subimos no navio em Antuérpia, subiram com as caixas das torneadoras mais 10 caixas com material de laboratório, que foram instaladas na sala de pronto socorro. O capitão do navio não se importou, com tanto que ele não tivesse de se responsabilizar perante a aduaneira brasileira. A viagem durou 20 dias e como éramos acompanhantes da mercadoria tivemos que pagar somente pela comida, ou seja, US\$ 10 por dia. Nesta altura gostaria de comentar as várias mudanças que fui forçado a fazer e os vários endereços que tive. Comecei na pensão Graf. Depois disso vivi algum tempo com a família Hessing em Perdizes. Depois do prédio Martinelli mudei junto com os meus pais para a Villa Normanda que hoje é uma filial do Banco Bradesco na Av. Paulista. Depois vieram a rua Suécia, rua General Jardim, rua Edison, rua Cônego Eugênio Leite e a rua Juquiá. O interesse nisso tudo só é o fato como consegui uma casa própria. Mas antes gostaria de mencionar um acontecimento na rua Edison. Junto com o bungalow na rua Suécia

recebemos um airdale, um cachorro que tinha se ocupado em cuidar do bebê da família que morava lá antes. Ele costumava pular pela janela com o primeiro choro dele. Acontece que o mudou conosco para a rua Edison. Uma casa de um andar num grande jardim. Um dia, eu estava sentado com ele no primeiro andar e um carrinho de bebê foi empurrado na frente da nossa casa. Quando ele, ouvindo o bebê chorar, fez o que sempre fazia nesta situação - pulou da janela. Por sorte caiu em um monte de folhas cortadas e não quebrou nada. Mas também nunca mais pulou pela janela. Em 1942, quando ouvi na casa da família Michels que estavam esperando o segundo filho e queriam se mudar para uma casa maior, fiz a proposta de comprar uma casa que alugaria a eles por 10% do valor por ano. Esta proposta não se realizou, pois, quando procurei a casa cujo anúncio tínhamos visto no jornal, tinha esquecido o número certo. Então bati palmas numa casa na rua Edison com esquina com a Av. Santo Amaro, e um mordomo de luvas brancas me abriu a porta e quase desmaiei quando lhe disse que um anúncio no jornal indicava que esta casa seria à venda. Ele chamou o suposto dono da casa, um Mr. Little da firma Shell, a quem pedi para ver a casa. Esta casa tinha uma sala de 10x7m, uma sala de jantar sextavada de 4x4m, cozinha e copa de 8x2m, no primeiro andar 3 dormitórios. Para os empregados, para a lavanderia e a garagem existia uma casa separada. Mr. Little me contou que o verdadeiro dono, Mr. Gray, estaria com uma comissão em Washington, que ele seria representado pelo procurador, proprietário da firma "Blue Star de MR 400.000. Um arquiteto amigo me confirmou que só o terreno já valeria nisso. Mas eu tinha somente MR. 100.000. Segui o conselho de meu amigo, José Mindlin, e ofereci essa quantia como entrada. Visitei o procurador, que ao ouvir minha oferta apontou-me a direção da porta. Desesperado, lhe contei que conhecia Mr. Gray muito bem. Pedi para ele mandar um telegrama ao Mr. Gray para confirmar seu consentimento, oferecendo-lhe MR 100.000 como entrada. O procurador embranqueceu, mas chamou sua secretária e mandou fazer um recibo. Três dias depois fui informado, que Mr. Gray tinha aceito as transações. Só que o procurador não conseguiu apresentar os necessários documentos para o fechamento de negócio e somente em 1945 tinha de pagar os MR 3000.000 restantes. Mr. Little se mudou, nos moramos lá por um tempo e então aluguei a casa para a firma Gildemeister, que me pagou os juros do financiamento que tomei da firma Barros Hendley. Durante a guerra, junto com Peter Buck, tentei exportação de meias de seda para a África, importação de chá para Matarazzo, importação de soda cáustica e semelhantes. Mas não fomos muito bem sucedidos. Ao mesmo tempo estava importando rádios da firma COSSAR & PY, e geladeiras da Inglaterra. Peter Buck então fundou junto com Klabin, Gleich, Mindlin e Franco a METAL LEVE. Em 1954 ele prosperou e me perguntou se não gostaria de vender minha casa. Respondi que se ele pagasse a hipoteca e me desse sua casa na rua Juquiá, mais MR 100.000 para a reforma, o negócio seria fechado. A reforma era necessária pois, depois das filhas Vivian e Silvia, estávamos esperando fechado. A reforma era necessária pois, depois das filhas Vivian e Silvia, estávamos esperando André e, assim, os três quartos existentes poderiam ficar para os filhos e nosso dormitório poderia ser adicionado com uma construção em cima da sala de jantar. Praticamente, recebi esta casa de graça e na venda em 1976 consegui um bom preço, US\$ 270.000, que foram divididos entre os filhos. Mas antes, em 1964, minha esposa Bárbara e eu resolvemos viajar com os filhos para Alemanha, para que eles aprendessem bem o alemão, e levamos a babá Amélia e alugamos um apartamento em Munique. Só que todas as imobiliárias queriam o aluguel de um mês como comissão. Na tentativa de evitar o pagamento da comissão, coloquei um anúncio no jornal "casal com três filhos procura moradia por 6 meses". Recebemos duas respostas, fomos reservar o primeiro apartamento com DM.50,00 mas, decidimo-nos pelo segundo apartamento, que era mais barato e maior, o alugamos e voltamos para receber de volta nossos DM.50,00. Mais tarde soubemos que a pessoa não deveria ter nos alugado o apartamento que era um assim dito "social", mas que ela mantinha este, mesmo já tendo comprado um próprio. O jeito também tem cor alemã. Enquanto os filhos iam à escola, minha esposa e eu tiramos férias. Visitamos Innsbruck, Roma e Jerusalém. Durante este tempo, meu segundo sócio técnico estava tomando conta da fábrica. Infelizmente, ele gostava demais de um copo na mão, o que causou muitos danos. Na minha volta tive que trabalhar durante um ano para alcançar o mesmo nível de antes. Em 1967 fui novamente viajar e de novo aconteceu o retrocesso. Na volta, este sócio me apresentou um amigo, que queria comprar a fábrica. O preço oferecido era muito baixo, mas como o sócio queria tanto vender, lhe paguei a sua parte pela oferta. A fábrica sofreu tempos bons e ruins. Principalmente me ensinou que não pode-se confiar nos fabricantes de automóveis e depois de 23 anos comeci a procurar um comprador. Como houve uma alta na economia dos anos 1973/74, duas firmas multinacionais, uma dos Estados Unidos e uma da Inglaterra, começaram a se interessar, e conseguir vender a firma à multinacional inglesa, à vista. E desde então vivendo a vida de aposentado. De 1971 em diante morei com minha segunda esposa, Munique, a Av. Santo Amaro, em um apartamento de um quarto. Mudamos para um de dois no mesmo prédio, quando meu filho André se mudou para nosso apartamento. Ele não ficou muito tempo, pois já estava na idade de ingressar na faculdade. Ele tentou primeiro na Inglaterra e se fixou depois nos Estados Unidos. Depois de André veio Martina, a filha mais velha de Munique. Para mais conforto mudamo-nos para um apartamento na rua Clodioniro Amazonas, onde passamos minutos sem falar, cerca de 30 vezes por dia, por causa dos aviões, estávamos na linha direta de pouso deles. Quando minha prima Heddy veio nos visitar em janeiro de 1975, ela nos aconselhou, insistentemente, de comprar uma casa. Em maio daquele ano procuramos para nossa casinha no Guarujá um cortador de grama e fomos, através de um anúncio procurá-lo numa casa da Chácara Flora. Já estava vendido, mas ficamos encantado com o bairro e com a casa, que tinha o tamanho certo para nós, mas, infelizmente, também já era vendida. Seguimos o conselho da proprietária e fomos olhar uma outra que estava à venda também já durante dois anos. Bastou entrar no jardim pelo portão, e nos encantamos completamente. Sem ter visto a casa por dentro, comeci as negociações e depois de meses, conseguimos nos mudar em setembro, após a reforma da cozinha e sala de jantar, onde colocamos piso de cerâmica, uma novidade. Vivemos 4 anos maravilhosos nesta casa e neste bairro. E então, quando Martina se casou em 1979, mudamo-nos para a rua Capitão Otávio Machado, onde ainda moramos e alugamos a casa para ter uma boa mesada. 1994 vendi a casa e este dinheiro os meus filhos receberão um dia. Só posso dizer, que tinha muita sorte na vida, fui sempre positivo e tentei não deixar passar as oportunidades durante 50 anos, julguei ser merecedor de uma vida mais calma. Por isso, só para não ficar completamente parado, trabalhei durante 14 anos como síndico no prédio onde moramos, de fato, exerci uma profissão nova, na qual ainda pude aprender muito. Durante esse tempo, o melhor era ter um a dois meses por ano livres para viajar, o que Munique e eu aproveitamos bastante. Hoje, com 85 anos, devo andar mais devagar mesmo, especialmente, depois da décima operação, que me tirou muito fôlego, mais do que as outras. A primeira, uma operação de apêndice, foi realizada por um ginecologista, Dr. Hallasch. Depois, vendo a cicatriz, sempre comentavam que o médico tinha procurado o útero. A segunda foi uma hérnia torácica. A terceira uma hérnia na virilha direita, a quarta uma hérnia na virilha esquerda. Na quinta operação, em 1996, depois de uma trombose na perna esquerda, a retirada das veias. No dia desta operação, o médico me colocou em cima de uma mesa para marcar os pontos estratégicos e eu lhe pedi para marcar as duas pernas, embora ele me disse que só poderia operar uma perna de cada vez. Mas ele marcou as duas pernas e quando, já deitado na maca, encontrei um colega dele no corredor, puxei este no braço e ordenei: o senhor faz a segunda perna e desmaiei: Quando acordei eles tinham feito as duas pernas. A sexta operação foi da próstata em 1994. O que provocou uma sétima, novamente uma hérnia, um mês mais tarde. Nesta época eu tinha que viajar à Londres para confirmar a venda da minha fábrica e, 15 dias depois da segunda operação, viajei, tão fraco que chegando no hotel, não consegui subir a escada em forma de caracol para o quarto na torre medieval. O médico inglês, que me foi mandado pela firma multinacional, ficou horrorizado. Mas tenho uma

natureza forte e depois de uns dias consegui atender o "candlelight-dinner". A oitava e a nona operações foram uma típica repetição da sexta e sétima. Próstata e hérnia. A décima, então, como já mencionado, a mais cansativa, com um corte "transamericano", com limpeza completa do intestino de polypos e tirada a da vesícula biliar. A velha hérnia torácica interferiu na costura da pele e até hoje sinto os vários pontos abertos onde se acumula ar, principalmente andando de carro numa estrada tortuosa. Se juntou a tudo isso um pouco de osteoporose, uma ligeira fragilidade da articulação coxo-femural esquerda. Mas apesar de tudo isso, ainda me sinto par aproveitar as belezas desta vida e desejo somente poder viver alguns anos felizes com Munique e ter saúde suficiente para poder visitar meus filhos e netos. (Kurt Dreyfuss escreveu sua história e disponibilizou-a no site do Museu da Pessoa em julho de 1997)